

A NARRATIVA DE CRÍTIAS, UMA “ATOPIA”

ALICE BITENCOURT HADDAD

*Departamento de Filosofia
Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro*

Jean-François Pradeau, em seu *Le Monde de la Politique*¹, que consiste num estudo sobre a narrativa atlante, afirma que, se por um lado, é difícil delimitar de maneira precisa² a influência de Platão sobre os “utopistas” – como ele chama os escritores de utopias, aludindo mais claramente a Morus e Campanella –, por outro lado, a partir deles se atribuiu a algumas obras de Platão, numa leitura retrospectiva, o qualificativo de utópicas. Seriam elas a *República*, as *Leis* e a narrativa atlante como um todo. Há um enorme debate, trazido também pelo autor, sobre a justiça dessa leitura, se cabe ou não falar em utopia no tempo e lugar dos textos platônicos, que começa por uma discussão essencial e anterior a tudo isso, a saber, acerca da definição de “utopia”: o que se quer dizer com “utopia” e se o filósofo, mesmo não tendo disponível o termo (que todos sabemos não existir em grego) não poderia, de qualquer modo, dispor da ideia que ele encerra.

¹ PRADEAU, Jean-François. *Le Monde de la Politique: Sur le récit atlante de Platon, Timée (17-27) et Critias*. Sankt Augustin: Academia Verlag, 1997. Cf. p. 277-279.

² “Seja por alusões explícitas que ali são feitas a Platão, seja ainda porque alguns motivos geográficos ou arquitetônicos constituem uma reminiscência das descrições platônicas (a insularidade, o urbanismo circular, a divisão de grupos funcionais dentre os cidadãos). Mas a lembrança do diálogo de Platão é sempre imprecisa e remota, de modo que é impossível apontar uma passagem de uma dessas duas obras como a retomada de uma sequência do *Critias*. Tomemos o exemplo das refeições em comum nos refeitórios, que encontramos tanto na *Utopia* (no início do Livro segundo) quanto na *Cidade do Sol* (desde a entrada na cidade): se elas lembram ao mesmo tempo a *República* e o início do *Timeu*, elas poderiam também ser referidas a Diodoro (*Biblioteca histórica*, II, 59). É, assim, o conjunto da literatura do périplo e da região extraordinária que é aproveitado pelos utopistas, sem produção de fontes exatas.” PRADEAU, 1997, p. 278.

³ Essa é também a leitura de Jean-Marie Bertrand, que escreveu o verbete “Platon” em SARCEY, Michèle Riot; BOUCHET, Thomas; PICON, Antoine. *Dictionnaire des Utopies*. Paris: Larousse, 2006. p. 186-189. Ver p. 186.

Quando vamos ao *Timeu* com esses problemas em mente, salta aos olhos a maneira como Crítias, o personagem narrador da história da guerra entre Atenas e Atlântida, adjetiva sua narrativa: “Ἀκουε δὴ, ὦ Σώκρατες, λόγου μάλα μὲν ἀτόπου, παντάπασί γε μὴν ἀληθοῦς...”⁴ “Escuta então, Sócrates, uma história muito estranha, mas em tudo verdadeira...”. Platão usa aí um termo, o adjetivo ἄτοπος, que a princípio teria algum parentesco com o moderno termo “utopia”. Ἄτοπος, segundo o Bailly⁵, é o que não se encontra em seu lugar, donde: “extraordinário, estranho, insólito”; por conseguinte, “extravagante, absurdo” etc. Em português teríamos também a tradução possível por “descabido”, como aquilo que não cabe, que está deslocado, fora do seu lugar. Do adjetivo viria o substantivo ἀτοπία, significando a própria estranheza, absurdidade, singularidade etc.

O que propomos neste trabalho é mostrar, brevemente, como Platão utiliza o adjetivo em sua obra, a tentar ver sua relevância para a compreensão do estatuto da narrativa de Crítias. Traduzindo numa pergunta: “O adjetivo ἄτοπος tem algum significado ou uso especial em Platão, que me permita compreender melhor essa narrativa?”. Afinal de contas, estamos tratando de um texto que já foi considerado por uma enorme tradição de intérpretes⁶ como mito, por uns, como relato, por outros, como mentira útil, como um passatempo para Platão, como uma história de família, enfim, um texto difícil de enquadrar ou de amarrar, melhor dizendo, num gênero por conta das mais diversas influências que ali se podem encontrar e, principalmente, por ser, como já dissemos acima desde a fala de Crítias, um ἀληθινὸς λόγος, uma história verdadeira que sabemos nós que não pode ser verdadeira (no sentido factual). Deixando de lado o problema Atlântida, é de comum acordo que a Atenas arcaica ali descrita, sobre a qual falaremos mais tarde, não pode ter existido como quer nos fazer crer Crítias.

Voltemo-nos, então, para o adjetivo ἄτοπος e alguns de seus usos

⁴ PLATÃO. *Timeu*, 20d8-9.

⁵ BAILLY, A. *Dictionnaire Grec-Français*. Rédigé avec le concours de E. Egger. Édition revue par L. Séchan et P. Chantraine, avec, en appendice, de nouvelles notices de mythologie et religion par L. Séchan. Paris: Hachette, 2000. Cf. p. 303.

⁶ Trabalhamos o problema do gênero da narrativa em nossa tese de doutorado: HADDAD, Alice Bitencourt. *A Narrativa de Crítias: Uma Interpretação desde a Discussão de seu Gênero*. 2008. 182 f. Tese (Doutorado em Filosofia)-Programa de Pós-Graduação em Filosofia, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2008.

e contextos em Platão. Em primeiro lugar, podemos observar que é qualificado de ἄτοπος aquelas coisas que causam em alguém, sem querer e já sendo redundante, certa estranheza. O que queremos acrescentar com isso é que a qualificação de ἄτοπος passa por um estado de alma ou de espírito de desconcerto, ou de perplexidade, ou até de constrangimento. Alguém passa por esse processo de estranhamento antes de qualificar algo de ἄτοπος, sendo, então, o adjetivo a expressão de uma impressão que remete mais ao estado do emissor do que à própria coisa. Vejamos alguns exemplos em Platão que ilustrem essas nossas sugestões, isto é, que mostrem como *átopoi* coisas que causam estranheza, que nos deixam de algum modo desconfortáveis:

1. O ventríloquo Euriclés do *Sofista*⁷: a situação de ouvir um som que parece não sair da boca da pessoa que o emite.

2. É esquisita, estranha, desconcertante a semelhança entre o que se passa em sonho e o que se passa quando estamos acordados – diz Teeteto em seu diálogo⁸. Não podemos afirmar se estamos dormindo ou acordados, uma vez que, sustenta Sócrates, dedicamos igual tempo a cada um desses estados e lutamos pela veracidade de certas noções em ambos. É desconcertante, precisa Teeteto, quando em sonho contamos nossos sonhos. Daí não é difícil imaginar que podemos agora estar dormindo, e isso é *átopos*, estranho e desconfortável.

3. É *átopos*, segundo Sócrates, a imagem que ele apresenta no *Górgias*⁹ de uma realidade possível, mas penosa de se imaginar: Quem sabe se não estamos mortos? “Quem sabe”, cita Eurípidés, “se o viver é morrer / e se o morrer é viver?” De nós, os mais miseráveis (ἀθλιώτατοι) e irrefletidos (ἀνόητοι) se comportam como quem precisa carregar água numa peneira para encher tonéis sem fundo. *A alma deles* é uma peneira, não podendo reter nada por ἀπιστία, incredulidade, e λήθη, esquecimento.

Nesses exemplos e ainda em outros que vamos citar, temos como a marca da *atopia* certo desconforto diante de uma determinada realidade, seja ela atual (presente) ou possível (imaginada, suposta). Os personagens que afirmam algo como *átopos* vivem uma situação de não reconhecimento

⁷ PLATÃO. *Sofista*, 239c.

⁸ PLATÃO. *Teeteto*, 158c.

⁹ PLATÃO. *Górgias*, 493c.

daquilo que está se passando, ou da impossibilidade de entender, de explicar para si mesmo o que vê e/ou ouve. São vários os exemplos nos diálogos em que um personagem estranha o outro ou o que outro diz, não reconhecendo uma determinada fala de seu interlocutor, considerando-a como que vindo de outra pessoa. Coincidência ou não, isso ocorre três vezes com Sócrates, como no *Alcíbiades*¹⁰ :

1. Depois de tanto seguir Alcibíades sem nada lhe dizer, no tempo em que ele era assediado por diversos *erastaí*, Sócrates enfim é liberado pelo deus para dialogar sobre suas ambições políticas. Alcibíades se assusta com o enorme discurso de Sócrates abordando o assunto:

Πολύ γέ μοι, ὦ Σώκρατες, νῦν ἀτοπώτερος αὖ φαίνη, ἔπειδῃ ἤρξω λέγειν, ἢ ὅτε σιγῶν εἶπου·

Muito mais estranho, ó Sócrates, parece agora, desde que começaste a falar, do que quando me seguias em silêncio.

Sócrates já era estranho calado e parece ainda mais estranho falando. Não é reconhecido, tal qual o ventríloquo do *Sofista*.

2. No *Górgias*, em dado momento, é Cálicles quem não reconhece a postura socrática: ‘Ὡς ἄτοπος εἶ, ὦ Σώκρατες, καὶ ἀτεχνῶς δημηγόρος. “Como estás estranho, Sócrates, e um demagogo simplório!”¹¹’

3. Ainda, no *Fedro*, Sócrates se autointitula um ἄτοπος, não como alguém que está ou parece estranho, mas alguém que é estranho (ou extravagante, como traduz Robin¹²). Estranho porque acredita no mito do rapto de Oritia por Bóreas, nisso se diferenciando dos sábios (σοφοί).

O não reconhecimento do outro tanto pode se dar por ignorância daquilo que se apresenta, quanto por sua enfática recusa. A *atopia* por ignorância o *Político*¹³ descreve de maneira muito clara: τὸ γὰρ ἄτοπον ἐξ ἀγνοίας πᾶσι συμβαίνει. “A estranheza decorre da ignorância geral”.

Por isso, achamos estranha e engraçada a recomendação, nas

¹⁰ PLATÃO. *Alcíbiades*, 106a.

¹¹ PLATÃO. *Górgias*, 494d.

¹² Ad 229c em PLATON. *Oeuvres Complètes*. Paris: Les Belles Lettres, 1944. t. 4, 3ª parte.

¹³ PLATÃO. *Político*, 291b.

*Leis*¹⁴, da ginástica para embriões. As grávidas devem caminhar para que os embriões se movam, já que o movimento é importante para sua formação ainda que seja produzido por outro, sem seu próprio esforço.

É considerado estranho também, por Críton¹⁵, o sonho de Sócrates às vésperas de sua condenação, com uma mulher de branco o chamando e avisando de sua futura chegada aos campos férteis da Ftia. Para Críton, que tem uma fuga preparada para seu mestre, o sonho não diz nada, é estranho, obscuro. Para Sócrates, que sabe que não fugirá à condenação, ao contrário, o sonho não é *átopos*, mas *ἐναργές*, claro, manifesto.

Talvez em muitas das ocorrências que citamos tenhamos o leitor também participando do processo de estranhamento. Para nós também são estranhas e desconfortáveis algumas das situações descritas. Mas nenhuma nos parece mais convidativa ao leitor, para que viva essa experiência, do que a do livro VII da *República*, na célebre imagem da caverna. Após aquela primeira descrição dos homens, do cenário da caverna e do lado de fora, com o muro, os objetos etc., diz Gláucon: “Ατοπον ... λέγεις εἰκόνα καὶ δεσμώτας ἀτόπους. “Falas de uma estranha imagem e de estranhos prisioneiros.” Sócrates retruca, *Ὁμοίους ἡμῶν*, “Semelhantes a nós!” E a partir dessa afirmação toda a cena se torna ainda mais impactante e desconcertante, por nos obrigar ao esforço de nos reconhecermos na condição dos homens descritos, e vivendo a realidade à maneira deles. É tão terrível quanto a suspeita de estarmos agora dormindo ou a de estarmos agora mortos.

Como anunciamos acima, vemos também em Platão o qualificativo *ἄτοπος* aplicado àquilo que se recusa enfaticamente, àquilo que não é reconhecido não por ignorância, mas por se saber impossível, absurdo. Aí o adjetivo é usado mais para expressar desdém do que simplesmente um estranhamento. Consideramos o melhor exemplo disso a maneira como Sócrates se refere às ideias de Anaxágoras. Elas são ditas *ἄτοποι* tanto na *Apologia*¹⁶ quanto no *Fédon*¹⁷. Todos sabem da decepção de Sócrates descrita neste diálogo após comprar e ler o livro de Anaxágoras. Ele esperava que o *Νοῦς* anaxagórico, do qual já ouvira falar, dito ordenador de tudo, fun-

¹⁴ PLATÃO. *Leis*, VII, 789b.

¹⁵ PLATÃO. *Críton*, 44b.

¹⁶ PLATÃO. *Apologia*, 26e.

¹⁷ PLATÃO. *Fédon*, 98c e 99a.

cionasse à maneira de uma causa final, como aquilo em vista do que cada coisa nascesse, percesse, existisse, sofresse ou produzisse uma ação. Essa ideia de um Νούς que apenas desencadeia o processo de separação do todo indiscernível à maneira de um vórtice, e sem ter nada em vista, parece a Sócrates decepcionante, desconcertante, ἄτοπος.

Consideramos que os exemplos de *atopia* que trouxemos já são suficientes para nos voltarmos, enfim, para o prólogo do *Timeu*, a tentar, então, compreender o que significa dizer que a história contada por Crítias é ἄτοπος. Reparem que quem qualifica a história de ἄτοπος é o próprio narrador, que já a conhece, como se estivesse preparando os interlocutores e, por que não?, o leitor para o que vem em seguida, a saber, a descrição de uma Atenas arcaica excelente e desconhecida de quase todos os atenienses. É preciso preparar os interlocutores e leitor, sim. Afinal, como é possível que quase ninguém tenha conservado nenhuma memória acerca dessa pólis, que chegou a combater e vencer o maior império de seu tempo, Atlântida? E como é possível que alguns poucos, ao contrário, a tenham preservado?

A fim de solucionar o problema da inverossimilhança, de superar pelo menos a estranheza que é esse esquecimento coletivo, Crítias, preliminarmente, conta detalhe por detalhe como a história chegou até ele, recuperando toda a cadeia de transmissão e acrescentando a ela descrições precisas dos momentos em que ela ocorreu. É Sólon quem conta a história a Drópides, bisavô do narrador; esse Drópides conta a Crítias, avô do Crítias-narrador; esse Crítias-avô conta ao neto Aminandro, irmão de Crítias, que a ouve e agora a pode contar. Se quisermos prosseguir com a cadeia de transmissão, podemos incluir Platão, sobrinho de Crítias, que de alguma forma dela ficou sabendo e pôde então escrever o diálogo.

Crítias descreve, como anunciamos acima, com precisão toda a cena de seu avô contando a história, lembrando datas, situações, falas e até o sorriso do velho. Em sua narrativa, o próprio avô também utiliza o mesmo procedimento, recuperando também com minúcia o encontro de Sólon com o sacerdote egípcio, fonte estrangeira da história da cidade. É de se notar, ainda, que, embora o egípcio diga que há escritos guardados em seus templos acerca daquilo que é dito sobre Atenas, eles nunca são consultados por Sólon ou qualquer outro. A história é a cada vez transmitida oralmente. Nem Sólon, porque fazia da poesia apenas um passatempo, a

escreveu. Aliás, esse é um dos motivos que justificam seu esquecimento pelos atenienses. Como a cidade sofre de dilúvios periódicos que dizimam a população das planícies, sobrevivendo apenas os que vivem nas montanhas, e esses, segundo o sacerdote, são iletrados, a cada vez perdem-se os escritos e com eles a memória. Mas um povo de tradição tão marcadamente oral não deveria ter apenas nos escritos o registro de sua história. É que os montanhese, além de iletrados, são ἄμωσοι, também não são dedicados às musas, afastados da tradição poética, oral por excelência. Sem as letras e longe das musas, diz Platão que eles se tornaram ἄφωνοι, mudos, interrompendo a marcha narrativa que se seguiria através das gerações.

Após tanto preparo para a narrativa em si, finalmente chegamos à descrição dessa Atenas desconhecida. E então entendemos o sentido de sua *atopia*: somos apresentados a uma Atenas muito diferente daquela do tempo de Sócrates e Platão e muito próxima da pólis construída com o *lógos* na *República*. Há nela a separação (χωρίς) dos diferentes grupos (γένη) da cidade, o impedimento de um realizar a tarefa do outro, com especial destaque para o grupo que combate (μάχιμον γένος), distinto de todos os outros e impedido de se ocupar de algo mais além da guerra.

Se prosseguirmos com a descrição dela feita no *Crítias*, temos ainda uma série de outras coisas estranhas a um ateniense daquele tempo:

1. Primeiro, a ideia de que o lote de Atenas foi dado sem disputa¹⁸, quando a história conhecida pelos atenienses é justamente a da disputa entre Atena e Posêidon pela Ática. Apolodoro, em *Biblioteca*, 3.14.1, conta que Posêidon teria produzido um mar a golpe de tridente, bem no meio da Acrópole, e que Atena teria plantado uma oliveira, ambos como sinal de apropriação da região. Quando os dois pleitearam sua posse, embora Posêidon tivesse chegado primeiro, Atena tinha Cécrops como testemunha de seu feito, de modo que os doze deuses chamados para árbitros decidiram por dar à deusa o território da Ática, e por isso a cidade de Atenas ganhou seu nome. Furioso, Posêidon lançou uma enchente que cobriu a Ática com o mar.

Essa mesma história aparece resumida ou anunciada em Heró-

¹⁸ PLATÃO. *Crítias*, 108b.

doto¹⁹, Plutarco²⁰, Pausânias²¹, Ovídio²² e estaria representada no frontão esquerdo do Partenon.

2. Hefesto e Atena, no *Crítias*, teriam engendrado (o verbo é ἐμποιέω) homens bons autóctones (ἄνδρες ... ἀγαθοί ... αὐτόχθονες)²³. A história está parcialmente de acordo com a tradição, pois o que supostamente se contava era que Atena um dia foi à oficina de Hefesto para encomendar armas e que este, apaixonado por ela, a perseguiu. Alcançando-a, tentou estuprá-la. Ela conseguiu se desvencilhar, mas um pouco de esperma caiu em sua perna. Com nojo, ela limpou a sujeira com um pano de lã, que depois jogou à Terra e dali nasceu Erictônio, um dos lendários autóctones atenienses. A história aparece assim em Apolodoro, *Biblioteca*, 3.14.6; além de aludida brevemente por Pausânias²⁴ e Eurípides²⁵.

3. De acordo com *Crítias*, Cécrops, Erecteu, Erictônio, Erisícton e outros heróis anteriores a Teseu teriam conduzido a guerra contra Atlântida²⁶, quando todos esses nomes estão apenas associados ao passado mais primitivo da cidade.

Cécrops aparece na *Biblioteca*²⁷ como um autóctone, com a metade do corpo de homem e a outra de serpente, e como o primeiro rei da Ática; enquanto em Pausânias²⁸ ele é genro do primeiro rei, de nome Acteu. Nas *Vespas*, de Aristófanes²⁹, ele é chamado de herói com cauda de serpente, aparência essa também mencionada no *Íon* de Eurípides. Sob seu reinado, como dissemos acima segundo a *Biblioteca*, teria havido a disputa da Ática por Posêidon e Atena.

¹⁹ HERÓDOTO. *Histórias*, 8, 55.

²⁰ PLUTARCO. *Temístocles*, 19.

²¹ PAUSÂNIAS. *Descrição da Grécia*, 1, 24, 5 e 1, 26, 5.

²² OVÍDIO. *Metamorfozes*, 6, 70.

²³ PLATÃO. *Crítias*, 109d.

²⁴ PAUSÂNIAS. *Descrição da Grécia*, 1, 2, 6; 1, 14, 6; 1, 18, 2 e 1, 24, 7.

²⁵ EURÍPIDES. *Íon*, 20 et seq.

²⁶ PLATÃO. *Crítias*, 110a-b.

²⁷ APOLODORO. *Biblioteca*, 3, 14, 1.

²⁸ PAUSÂNIAS. *Descrição da Grécia*, 1, 2, 6.

²⁹ ARISTÓFANES. *Vespas*, 438.

Erecteu é citado na *Iliada*³⁰, no catálogo das naus, como μεγαλήτορος, o de grande coração, ou de grande coragem; nascido da terra fecunda (τέκε ... ζείδωρος ἄρουρα) e criado (θρέψε) por Atena. Os guerreiros atenienses ali são ditos do demo de Erecteu (δῆμον Ἐρεχθίδος). Em Heródoto³¹, Erecteu é citado como antigo rei de Atenas e pai de Oritia – o que faria de Bóreas, o vento do norte, seu genro e aliado dos atenienses. Ele também aparece como rei de Atenas em Pausânias³², sob cujo reinado teria ocorrido a guerra entre a cidade e Elêusis. O mesmo acontecimento é aludido por Plutarco³³, que cita, em seu apoio, a tragédia perdida de Eurípidas, de título *Erecteu*.

Erichtônio, numa passagem já citada da *Biblioteca*³⁴, aparece como o autóctone nascido da tentativa de estupro de Atena por Hefesto. Em Pausânias³⁵, de modo ainda compatível com essa tradição, ele é filho de Hefesto e da Terra (Γῆ). O *Íon* de Eurípidas³⁶ também afirma sua autoctonia e relação com Atena. Ela, virgem, não é sua mãe, mas é quem o tira da terra com as mãos³⁷. Segundo a *Biblioteca*, ele teria sido o rei ateniense que levou a estátua de madeira de oliveira da deusa à acrópole e que instituiu o Festival das Panateneias. Também há a associação de Erictônio com a forma de serpente; Pausânias³⁸ o identifica com uma que se encontraria aos pés da estátua de Atena na acrópole.

Erisícton aparece na *Biblioteca*³⁹ como filho de Cécrops e ele mesmo sem filhos. A única coisa que se afirma dele é que teria sido quem trouxe de Delos para Atenas a mais antiga das três estátuas de Ilítia⁴⁰.

4. Sobre a constituição política da Atenas arcaica, no *Critias* se

³⁰ HOMERO. *Iliada*, II, 547.

³¹ HERÓDOTO. *Histórias*, 7, 189.

³² PAUSÂNIAS. *Descrição da Grécia*, 1, 38, 3.

³³ PLUTARCO. *Vidas Paralelas*, 20.

³⁴ APOLODORO. *Biblioteca*, 3, 14, 6.

³⁵ PAUSÂNIAS. *Descrição da Grécia*, 1, 2, 6.

³⁶ EURÍPIDES. *Íon*, 20 et seq.

³⁷ EURÍPIDES. *Íon*, 270.

³⁸ PAUSÂNIAS. *Descrição da Grécia*, 1, 24, 7.

³⁹ APOLODORO. *Biblioteca*, 3, 14, 2.

⁴⁰ PAUSÂNIAS. *Descrição da Grécia*, 1, 18, 5.

acrescenta que as mulheres também podiam guerrear, à maneira da *República*. Aqui Platão é ainda mais enfático, não se restringindo apenas às mulheres, mas abarcando machos e fêmeas entre todos os seres vivos (ζῷα), dizendo-os capazes de compartilharem ocupações comuns de acordo com sua natureza⁴¹.

5. Ainda sobre a constituição política, repete-se a *República* ao se interditar aos guerreiros a propriedade privada, tendo, em contrapartida, o fornecimento de todo o necessário para sua alimentação e formação⁴².

6. Sobre a constituição física da cidade, seus limites são alterados. Crítias afirma que eles se estendiam, nesse período arcaico e esquecido, “até o Istmo e, do lado do continente, atingiam o cimo do Parneto e do Citerão. Daí descia a linha divisória na direção do mar, tendo o Orópia como limite à direita e o rio Ásopo, à esquerda”⁴³. Platão, assim, entende como parte dessa Atenas arcaica o território de Mégara, Orópia e boa parte da Beócia. Brisson⁴⁴ nota que essa suposta configuração antiga justificaria reivindicações territoriais do tempo de Platão.

7. Ainda sobre a constituição física, a descrição de seu solo tampouco condiz com a da Atenas histórica. Crítias fala de uma Atenas de terra fértil, com enorme variedade, quantidade e excelência de frutos e pastagens infinitas para animais de toda espécie. As montanhas seriam ornadas de matas, ostentando árvores que forneceria madeira para a construção, além de frutas⁴⁵. O contraste com a Atenas do tempo de Platão é tão manifesto, que Crítias se pergunta: Πῶς οὖν δὴ τοῦτο πιστόν, καὶ κατὰ τί λείψανον τῆς τότε γῆς ὁρθῶς ἂν λέγοιτο; “Como isto é agora crível, e que resto de terra daquele tempo justificaria o que estou dizendo?” Em outras palavras, “há indícios hoje dessa antiga fertilidade, algo que prove que estou com a razão?”. A resposta que o próprio Crítias dá é o motivo para que não haja nada parecido com esse solo antigo: Com as muitas e grandes inundações

⁴¹ PLATÃO. *Crítias*, 110b-c.

⁴² PLATÃO. *Crítias*, 110c.

⁴³ PLATÃO. *Crítias*, 110d-e. Tradução de Carlos Alberto Nunes.

⁴⁴ PLATON. *Timée, Crítias*. Traduction inédite, introduction et notes par Luc Brisson avec la collaboration de Michel Patillon pour la traduction. 5^e ed. Paris: Flammarion, 2001. Cf. p. 383.

⁴⁵ PLATÃO. *Crítias*, 110e-111d.

que ocorreram ao longo dos 9 mil anos que separam a Atenas arcaica da da época dos personagens, a terra foi se deslocando das alturas para o mar. A imagem que Platão usa para descrever o solo de sua cidade é forte:

λέλειπται δὴ, καθάπερ ἐν ταῖς σμικραῖς νήσοις, πρὸς τὰ τότε τὰ νῦν ὄιον νοσήσαντος σώματος ὅσα, περιερρηκυίας τῆς γῆς ὄση πείριρα καὶ μαλακῆ, τοῦ λεπτοῦ σώματος τῆς χώρας μόνου λειφθέντος.

*O que resta então, assim como nas ilhas pequenas, no lugar do que havia antes são como ossos de um corpo doente, uma vez que a terra, rica e fofo, escorren, só restando da região o corpo despelado*⁴⁶.

Essa Atenas descrita por Crítias, de excelência política e física, é “atópica” porque nunca sabida, nunca vista. Os nomes que ficaram não são reconhecidos como de vencedores numa importante batalha, e a terra que os personagens do diálogo podiam pisar nada tinha daquela verde riqueza de outrora. O que dizer então da divisão da sociedade em grupos, cada um realizando sua tarefa, em discordância com a tão costumeira e democrática participação dos cidadãos nos assuntos políticos e na guerra? Mais difícil ainda de aceitar é o compartilhamento de tarefas entre homens e mulheres, numa sociedade em que a diferença de papéis entre os gêneros é tão marcada. Ouvir ou ler que tudo isso se deu de fato, que essa é a verdadeira história de Atenas, geraria num ateniense de então aquela mesma impressão que no início descrevíamos. Estranheza, perplexidade, desconcerto. E Platão, assim, tira o leitor de seu lugar habitual. Mais do que isso, o filósofo reinventa o lugar do leitor, sua cidade, oferecendo um modelo de pólis diferente daquela construída na *República*, porque ali não se sabia se ela um dia existiria; oferece, enfim, o modelo de uma pólis que “existiu”, uma cidade viva. A Atenas arcaica, cuja constituição se assemelha em muito à da *República*, pôde submeter seus homens à guerra e esses venceram. Não há, todavia, decadência, degenerescência, corrupção por ali. O fim desses homens excelentes se deveu a um terremoto⁴⁷ – uma forma encontrada pelo filósofo para fazer desaparecer o que ninguém viu nem nunca soube. São todos engolidos pela terra: uma imagem não apenas de fortes cores dramáticas,

⁴⁶ PLATÃO. *Crítias*, 111b.

⁴⁷ PLATÃO. *Timen*, 25d.

mas simbólica do retorno dos guerreiros ancestrais ao ventre materno, já que um povo de origem autóctone, nascido pelas mãos da virgem.

Quanto à motivação de Platão para realizar esse deslocamento, deslocamento de todos os atenienses para outro lugar, pensamos que Loraux⁴⁸ usa as palavras certas: “ela [a cidade] ajuda na reflexão sobre a pólis a se constituir a partir dela e contra ela”. Nesse sentido, retornando à discussão da abertura deste trabalho, a *atopia* serve à utopia – se entendermos por utopia, grosso modo, a cidade imaginária idealizada, construída como alternativa a uma realidade que se quer criticar. No caso do *Crítias*, os quadros a serem contemplados e comparados são dois: de um lado, a Atenas idealizada por Platão, utópica e atópica; e, de outro, a rica, poderosa e imperialista Atlântida, associada muito frequentemente e com justiça a Atenas histórica. Se a Atenas arcaica platônica é estranha, *átopos*, Atlântida, por sua vez, é muito familiar. E é por isso que ela é o contra-exemplo, servindo de modelo vivo, porque “inscrito na história”, da organização política que não⁴⁹ que se quer porque fracassa, porque não se sustenta. Segundo Bertrand⁴⁹, uma distopia:

uma distopia marítima, imagem de um Estado pletórico, inorgânico e confuso, apesar de sua estrutura aparentemente racional, é a imagem da Atenas contemporânea, imperialista e confusa.

E Platão não apenas realiza esse jogo de oposições, o embate das duas formas de organização política (no sentido mais largo da expressão), para fins analíticos, como contribuição para a reflexão acerca da melhor constituição. Se a questão fosse só essa, não seria necessário dizer que a narrativa é verdadeira. Bastaria fazer o que fez na *República* e nas *Leis*, traçar em diálogo, construir com o *lógos*, como plano preliminar à ação política ou, melhor dizendo, tomando a reflexão por si só como ação preliminar e fundamental ao filósofo pintor de cidades. No *Timen* e no *Crítias*, porém, ocorre algo mais. Ao fazer da narrativa uma história verdadeira, Platão realiza uma intervenção tão radical na história da cidade, que parece pretender mudar a própria memória dos atenienses. E isso só é possível porque o filósofo conhece esse mecanismo, o da construção da memória coletiva. Para ser

⁴⁸ LORAUX, Nicole. *L'invention d'Athènes*. Paris: Payot, 1993. Cf. p. 309.

⁴⁹ BERTRAND, 2006, p. 187.

breve e não fugir muito ao tema já na conclusão, gostaríamos de apontar dois lugares onde Platão demonstra a importância desse procedimento.

Primeiro, na *República*, quando da discussão acerca da educação dos futuros guardiões; nota-se todo o cuidado que se toma com os mitos a serem contados às crianças, sabendo-se⁵⁰ que elas ficam marcadas mais facilmente, que suas almas são moldáveis⁵⁰. Quando o filósofo trata dos mitos a serem rejeitados, das prescrições aos poetas sobre o que se deve contar, ou não, e como às crianças, o que está em questão é a memória dos cidadãos, isso que chamamos anteriormente de memória coletiva. Pensar a educação de maneira unificada, dentro de um único projeto tem como consequência a moldagem não apenas de indivíduos, mas do todo social que eles compõem, possibilitando que se reconheçam em suas crenças e opiniões comuns, e que estabeleçam práticas, modos de agir em conformidade com o plano do legislador (daquele que pensou e formulou a formação que queria para seus cidadãos). A intervenção pela educação na *República* é tão ou mais radical que a mudança da história ateniense no *Timeu-Crítias*. Basta considerarmos toda a poesia que existiu e circulou de fato naquele tempo e lugar que seria banida pelos rígidos parâmetros dos personagens da *República*. E isso significaria operar sobre a memória coletiva, isto é, a tradição oral seria outra, a maneira como heróis e deuses seriam representados seria outra, a visão dos cidadãos sobre si mesmos e sobre a própria cidade seria outra, enfim, essa pólis seria extremamente diferente de Atenas e provavelmente de qualquer cidade grega existente.

Outro lugar onde vemos a importância dada por Platão à construção da memória coletiva, mas agora de maneira crítica, é no *Menexeno*. Por meio de uma paródia à oração fúnebre, o filósofo mostra como a história da cidade pode ser forjada para servir à propaganda do regime democrático. O curioso, todavia, é que podemos observar várias semelhanças entre o discurso de Sócrates no *Menexeno* e a narrativa de Crítias, o que nos permite identificar nessa última a escrita do filósofo repetindo para seus próprios interesses os procedimentos do orador que quer elogiar sua cidade: com a enorme diferença de que o orador elogia sua cidade atual e o regime sob o qual vive, enquanto Platão elogia uma remota Atenas, estranhíssima aos

⁵⁰ PLATÃO. *República*, 377a-b.

seus contemporâneos, assim como sua organização política. Podemos citar como alguns desses elementos comuns a disputa entre Atena e Posêidon pelo território da Ática; o mito da autoctonia; o elogio dos ancestrais e seus feitos, antecipando-se sua valorização por meio de adjetivos como *pollá*, *kalá*, *megála*, *thaumastá*, *kállista*; e o uso das narrativas de guerra como meio de se provar a vitória de uma *politeía* sobre outra, como se a vitória das *idades* na guerra fosse a manifestação de sua supremacia política. Dentro dessas narrativas de guerra, alguns elementos também se repetem em um e outro discurso, como o da Atenas libertadora dos gregos; o da grandeza do inimigo (no *Menexeno*, o império persa; no *Timeu-Crítias*, o império atlante; ambos caracterizados de forma muito semelhante); e o da Atenas isolada em seu combate contra os bárbaros.

O que estamos defendendo, em suma, é que se, por um lado, a narrativa de Crítias se propõe, literalmente, uma continuação da discussão acerca da melhor *politeía*, ela representa, além disso, o empenho em inscrever tal *politeía* na memória dos que ali escutam a história. A *politeía* semelhante à da *República*, no *Timeu-Crítias*, toma a forma de mito-fundador, de tal modo que dela não se pode afirmar que seja irrealizável, impossível. No *Timeu-Crítias*, ela já aconteceu. O fato de já ter acontecido, todavia, não significa que esteja acabada e distante, pois, como mito-fundador, deveria se tornar referência comum entre os atenienses e permanente: “O passado está no presente ou, o que vem a ser o mesmo, o último é construído a partir da maestria do passado”⁵¹.

Platão, assim, paradoxalmente, encontra um *tópos* onde situar sua *politeía* dita utópica: em tempos tão antigos, sobre os quais ignoramos a verdade. Nesse espaço, a mentira se legitima quando próxima da verdade⁵², essa verdade de outra ordem, não subsumida à verificação dos fatos. E o filósofo termina por simular plasmar novos atenienses. Não são os gregos como crianças? Há que se cuidar, então, do que lhes contar.

⁵¹ A passagem se encontra num interessante trabalho sobre as relações entre mitos de origem, história e memória coletiva na construção da identidade da sociedade do oásis de El Ksar, na Tunísia. Trabalho que, curiosamente (porque com um objeto tão distinto), nos rendeu vários elementos para a leitura do *Timeu-Crítias*. KILANI, Mondher. *La Construction de la Mémoire: Le lignage et la sainteté dans l'oasis d'El Ksar*. Genève: Labor et Fides, 1992. Cf. p. 261.

⁵² PLATÃO. *República*, 382d.

RESUMO

Em *Timeu*, 20d8-9, Crítias descreve a história que irá contar como “muito *átomos*”, mas “em tudo verdadeira”. O objetivo deste artigo é compreender o significado desta expressão, “*átomos*”, baseado em (1) outros usos nas obras de Platão e (2) no conteúdo da história de Crítias.

Palavras-chave: Platão. *Timeu-Crítias*. Narrativa. *Átomos*.

ABSTRACT

In *Timaeus*, 20d8-9, Critias describes the story he is going to tell as “passing *atopos*” but “wholly true”. The aim of this paper is to understand the meaning of this expression, *atopos*, based on (1) another uses in Plato’s works and (2) on the content of Critias’ story.

Key-words: Plato. *Timaeus-Critias*. Story. *Atopos*.